

## Representações de Portugal em *Memorial de Aires*, de Machado de Assis Representations of Portugal in *Memorial de Aires*, by Machado de Assis

GREICY PINTO BELLIN<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar as representações da nação portuguesa em *Memorial de Aires*, de Machado de Assis, apontando para a visão crítica em relação a estas representações, construídas a fim de mostrar a obsolescência dos modelos portugueses na sociedade brasileira do século XIX, o que também pode ser observado no conto «Ideias de canário», de 1899. Serão levadas em consideração, nesta análise, as complexas relações entre intelectuais brasileiros e portugueses na cena literária brasileira, tendo em vista que Machado de Assis baseou-se na dinâmica dessas relações para desenvolver sua visão crítica em relação à herança cultural portuguesa, também mencionada em suas crônicas da série intitulada «Bons dias», publicada entre os anos de 1888 e 1889.

**Palavras-chaves:** Brasil; Portugal; modelo português; nação portuguesa.

**Abstract:** This article aims to analyze the representations of the Portuguese nation in *Memorial de Aires*, by Machado de Assis. These representations are built in order to show the obsolescence of 19th century Brazilian society's Portuguese models and can also be noticed in the short-story «A canary's ideas», written in 1899. We shall thus point to the critical view towards them. The complex relationships between Brazilian and Portuguese intellectuals in the Brazilian literary scene will be taken into consideration in this analysis, as Machado de Assis based on them to develop his critical view on the Portuguese cultural heritage. Such a subject is also mentioned in his chronicles in the series entitled «Bons dias», published between the years of 1888 and 1889.

**Keywords:** Brazil; Portugal; Portuguese model; Portuguese nation.

---

<sup>1</sup> Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE).

## 1. Introdução

Discorrer a respeito da presença portuguesa em Machado de Assis é quase um lugar comum, tendo em vista as pesquisas já existentes a respeito deste tema. O interesse pelos diálogos com a literatura lusitana se observa na tese de doutorado de Marcelo Sandmann (2004), em que são analisadas as relações literárias entre o escritor brasileiro e vários escritores portugueses, apontando para um suposto desejo de aproximação, por parte de Machado, com o legado cultural da nação colonizadora. Tal desejo encontraria respaldo no fato de Machado ter sido filho de uma açoriana, casado com uma portuguesa e colaborador de periódicos luso-brasileiros, entre eles *O futuro*, editado por Faustino Xavier de Novais, irmão de sua esposa Carolina. Várias referências a escritores portugueses na obra machadiana corroborariam este desejo: Almeida Garrett, por exemplo, é citado no prólogo de *Memórias póstumas de Brás Cubas*: «Toda essa gente viajou: Xavier de Maistre, à roda do quarto, Garrett na terra dele, Sterne na terra dos outros» (Assis, 2008: 623). Também digno de nota é o diálogo entre Machado e Eça, que se estabelece a partir da crítica a *O primo Basílio*, publicada em 1878 e que teria sido, de acordo com João Cezar de Castro Rocha (2013), um dos elementos catalisadores da tão conhecida e comentada virada machadiana.

A existência do que Antonio Candido chamou de «diálogo com Portugal» é o que torna ainda

mais complexas as relações entre Machado e os escritores e intelectuais portugueses. Enquanto figura-chave da intelectualidade de sua época, Machado preocupou-se com a busca por uma identidade própria para a literatura brasileira, preocupação esta que encontra no ensaio «Instinto de nacionalidade» sua mais famosa materialização. Neste ensaio, Machado propõe a ideia de «sentimento íntimo», segundo a qual o escritor deve ser «homem de seu tempo e de seu país, ainda que trate de assuntos remotos no tempo e no espaço» (Assis, 2008: 1205). Na visão de Paulo Franchetti (2011), as tensões entre o Brasil e a antiga metrópole iriam se tornar ainda mais acirradas em fins do século XIX, por conta do advento da República, época na qual Machado atingiu sua maturidade literária, o que explicaria, pelo menos em tese, sua visão crítica em relação à nação portuguesa em *Memorial de Aires*, escrito em 1908, ano de sua morte. O objetivo deste artigo é analisar o último romance de Machado levando em conta as referências a Portugal, bem como as percepções acerca da nação portuguesa, a qual é escolhida por Tristão e Fidélia como país de destino ao fim da narrativa. A percepção crítica em relação a Portugal também aparece no conto «Ideias de canário», publicado em 1899, em que o pássaro aparece como o representante da nação colonizadora. Alguns trechos da série de crônicas «Bons dias» serão também citados para corroborar a análise desenvol-

vida, evidenciando o posicionamento crítico de Machado em relação à herança cultural lusitana, que tanto definiu e continuava definindo as relações sociais no contexto brasileiro de sua época.

A existência das rivalidades entre intelectuais brasileiros e portugueses sempre foi objeto de controvérsias por parte de alguns escritores que discorreram a respeito das relações entre metrópole e ex-colônia, conforme sinaliza a afirmação de Manuel Pinheiro Chagas:

Se nos seios das classes menos ilustradas do povo brasileiros vivem tenazmente arraigados sentimentos de ódio contra os portugueses, que se manifestam por uma ou outra explosão deplorável, e que numa parte da imprensa encontram ecos selvagens, em compensação os homens esclarecidos do Brasil, não ocultam a sua viva simpatia por Portugal, assim como também os nossos homens mais ilustrados estendem sua mão amiga aos portugueses da América. Essa troca de simpatias é bem patente na literatura. Foi Alexandre Herculano o que primeiro saudou com entusiasmo o estro nascente e já brilhante de Gonçalves Dias as produções da imprensa portuguesa encontram sempre na crítica e no público do Brasil o mais ligeiro acolhimento. (Chagas *apud* Augusti, 2004: 2)

As relações entre as elites letradas portuguesa e brasileira nem sempre foram tão harmônicas quanto Pinheiro Chagas aponta em sua fala. Em fins da década de 60 do século XIX, começaram a surgir uma série de polêmicas literárias que sinalizam, de um lado, uma ri-

validade brasileira em relação à ex-colônia, e de outro, uma opinião depreciativa acerca do Brasil, percebido «como um país onde vivia gente ignorante, sem o mínimo lastro cultural» (Augusti, 2004: 2). Camilo Castelo Branco, por exemplo, foi protagonista de uma polêmica surgida no ano de 1879, quando da publicação do *Cancioneiro alegre de poetas portugueses e brasileiros*. Ao compilar a coletânea, o escritor teceu comentários nada elogiosos acerca das obras de Gonçalves Dias e Fagundes Varela, provocando reações negativas entre os intelectuais e leitores brasileiros, entre eles Arthur Barreiros, que teria ameaçado agredir Camilo caso ele viesse ao Brasil, ao que o escritor português respondeu com vários impropérios, também ameaçando seu interlocutor (Augusti, 2004: 4). Machado de Assis, por sua vez, elogiou Camilo na seção «Revista Dramática», em 13 de abril de 1860, deixando entrever uma «ampla simpatia» ao criticar a peça *Espinhas e flores*, drama camiliano representado nos palcos fluminenses nesse mesmo ano.

Lúcia Bastos Neves e Tânia Bessone Ferreira sublinham a existência de uma «guerra de pena» entre intelectuais brasileiros e portugueses por meio de jornais e folhetos em circulação no Rio de Janeiro oitocentista, a qual evidencia a «alternância entre atração e repulsa em função das relações diplomáticas entre nações irmãs» (Neves e Ferreira, 2003: 107). Tais disputas eram intensificadas por questões econômicas e sociais relacionadas a problemas migratórios, uma vez que o con-

tingente de imigrantes portugueses em solo brasileiro gerava concorrência no então incipiente mercado de trabalho. Todavia, as tradições culturais portuguesas ainda encontravam-se fortemente enraizadas no Brasil, dando margem a sentimentos contraditórios de aproximação e, ao mesmo tempo, rejeição em relação a Portugal. Como prova disso, as autoras citam a comemoração do tricentenário de Luís de Camões, amplamente celebrado pela imprensa e pelos intelectuais brasileiros em fins do século XIX, e que contou com a participação de Machado de Assis. As ligações entre Brasil e Portugal também se observam na criação do Real Gabinete Português de Leitura, do qual Machado foi assíduo frequentador e cujo objetivo era difundir a cultura letrada na sociedade brasileira. Cabe salientar que o Real Gabinete foi de fundamental importância para a formação literária de Machado de Assis, o que ratificaria a relevância do papel desempenhado pela herança cultural portuguesa na carreira do escritor.

Há na série «Bons dias» uma crônica datada de 7 de março de 1889 em que Machado, ao discutir uma polêmica relacionada ao uso de neologismos na língua portuguesa, encabeçada pelo latinista Antônio de Castro Lopes (1827-1901), cita Camilo Castelo Branco, mencionando a intensa hegemonia cultural exercida pela França no contexto cultural do século XIX:

Nem sempre, entretanto, fui severo com artes francesas. *Pince-nez* é coisa que usei por

largos anos, sem desdouro. Um dia, porém, queixando-me do enfraquecimento da vista, alguém me disse que talvez o mal viesse da fábrica. Mandei logo (há uns seis meses) saber se havia em Portugal alguma *luneta-pênsil* das que inventara Camilo Castelo Branco, há não sei quantos anos. Responderam-me que não. Camilo fez uma dessas lunetas, mas a concorrência francesa não consentiu que a indústria nacional pegasse. (Assis, 2018: 304)

A crônica deixa evidente, por meio da metáfora dos óculos e das lentes, a existência da hegemonia francesa em um contexto que João Cezar de Castro Rocha (2013) chamaria de «não-hegemônico». A busca da luneta-pênsil inventada por Camilo remeteria a uma busca pelo referencial lusitano que faria parte da cultura brasileira, mas que estaria obliterado pela presença francesa. Por outro lado, o fato de não ter encontrado o objeto aponta para o anacronismo associado ao modelo português no ano de 1889, em que ocorre a proclamação da República, momento, conforme já explicitado, de acirramento de tensões entre Brasil e Portugal, o que não teria passado despercebido a Machado de Assis. O conto «Ideias de Canário», publicado em 1899 no volume *Páginas recolhidas*, por sua vez, traz uma representação alegórica do colonizador português na forma de um pássaro que, conforme sabemos, é originário dos Açores, das Ilhas Canárias e da Madeira. Trata-se de um canário que possui veleidades colonizadoras e percebe as coisas apenas de seu ângulo de visão, sempre

relacionado ao local onde está inserido, como se pode perceber no trecho a seguir:

– Quem quer que sejas tu, certamente não estás em teu juízo. Não tive dono execrável, nem fui dado a nenhum menino que me vendesse. São imaginações de pessoa doente; vai-te curar, amigo...

– Como, interrompi eu, sem ter tempo e ficar espantado.

– Então o teu dono não te vendeu a esta casa? Não foi a miséria ou a ociosidade que te trouxe a este cemitério, como um raio de sol?

– Não sei que seja sol nem cemitério. Se os canários que tens visto usam do primeiro desses nomes, tanto melhor, porque é bonito, mas estou que me confundes.

– Perdão, mas tu não vieste para aqui à toa, sem ninguém, salvo se o teu dono foi aquele homem que está ali sentado.

– Que dono? Esse homem que aí está é meu criado, dá-me água e comida todos os dias, com tal regularidade que eu, se devesse pagar-lhe os serviços, não seria com pouco; mas os canários não pagam criados. Em verdade, se o mundo é propriedade dos canários, seria extravagante que eles pagassem o que está no mundo. (Assis, 2007: 441-442)

A afirmação de que «os canários não pagam criados», bem como a ideia de que o mundo é propriedade deles, remete à postura do colonizador em terras colonizadas, o que seria um despropósito no Brasil, tendo em vista a proclamação da República dez anos antes da publicação do conto. Cabe ressaltar ainda que Macedo, o ornitólogo protagonista da narrativa, encontra o canário em uma loja de antigui-

dades no centro do Rio de Janeiro, o que aponta para a permanência do Velho Mundo em um contexto que já havia, pelo menos em tese, feito sua entrada na modernidade:

A loja era escura, atulhada das cousas velhas, tortas, rotas, enxovalhadas, enferrujadas que de ordinário se acham em tais casas, tudo naquela meia desordem própria do negócio. Essa mistura, posto que banal, era interessante. Panelas sem tampa, tampas sem panela, botões, sapatos, fechaduras, uma saia preta, chapéus de palha e de pelo, caixilhos, binóculos, meias casacas, um florete, um câo empalhado, um par de chinelas, luvas, vasos sem nome, dragonas, uma bolsa de veludo, dois cabides, um bodoque, um termômetro, cadeiras, um retrato litografado pelo finado Sisson, um gamão, duas máscaras de arame para o carnaval que há de vir, tudo isso e o mais que não vi ou não me ficou de memória, enchia a loja nas imediações da porta, encostado, pendurado ou exposto em caixas de vidro, igualmente velhas. Lá para dentro, havia outras cousas mais e muitas, e do mesmo aspecto, dominando os objetos grandes, cômodas, cadeiras, camas, uns por cima dos outros, perdidos na escuridão. Ia a sair, quando vi uma gaiola pendurada na porta. Tão velha como o resto, para ter o mesmo aspecto da desolação geral, faltava-lhe estar vazia. Não estava vazia. Dentro pulava um canário. (Assis, 2007: 440)

O desfecho de *Memorial de Aires* nos mostrará que o Velho Mundo, representado pela permanência da tradição portuguesa, continuará exercendo poderosa influência sobre os membros da elite brasileira de fins do século XIX.

Também significativo é o fato de Fidélia deixar uma fazenda dilapidada para os escravos após a Abolição, o que aponta para a visão crítica de Machado em relação à maneira pela qual os escravos foram libertados, considerando que as relações de poder ainda permaneciam em detrimento da liberdade conquistada. Este paradoxo aparece em uma crônica de 19 de maio de 1888, em que o narrador afirma ter libertado seu escravo de nome Pancrácio porque deseja ser deputado, confessando que a violência da escravidão permanece após esta libertação:

Pancrácio aceito tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por não me escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos. (Assis, 2018: 78)

*Memorial de Aires* traz, para além da crítica das consequências da abolição, a crítica em relação a um contexto que permanece preso ao passado, e que é revisitado pelo Conselheiro Aires em seu retorno ao Brasil após trinta anos de diplomacia na Europa. A narrativa, conforme veremos a seguir, é entremeada de referências a escritores portugueses e a fatos históricos envolvendo Portugal, o que faz com que a palavra «memorial» assuma uma dimensão ainda mais ampla, pois remeteria não apenas às recordações do Conselheiro, mas às

recordações de uma nação ainda dependente do modelo lusitano.

## **2. As representações de Portugal em *Memorial de Aires*: a saudade em perspectiva crítica**

*Memorial de Aires* se inicia com dois trechos de cantigas do trovadorismo galego-português, as chamadas *cantigas de amigo*, entoadas por um eu-lírico feminino conclamando a presença de seu amado. É também significativo salientar que a primeira entrada do diário do Conselheiro Aires data de 9 de janeiro, o que corresponde ao Dia do Fico em terras brasileiras, o que nos possibilita identificar, de saída, a permanência da herança cultural portuguesa na narrativa.

Na advertência de seu romance, Machado de Assis afirma que o *Memorial* fora escrito «nos lazeres do ofício», de forma que se prestaria «para matar o tempo da barca de Petrópolis» (Assis, 1996: 13). Emerge, neste sentido, a representação do escritor que nunca deixou o Rio de Janeiro, e que parece perceber sua produção artística de forma despretensiosa, ainda mais considerando os estertores de sua carreira literária. O que iremos perceber, ao fim e ao cabo, é que *Memorial de Aires* está longe de ser um romance despretensioso, pois corresponde a um inventário da carreira do próprio Machado de Assis, conforme já analisado por estudiosos de sua fortuna crítica, inventário este no qual estaria revisando suas próprias relações com a herança cultural portuguesa.

Talvez a morte de Carolina, ocorrida dois anos antes, teria deixado o escritor à vontade para fazer esta revisão, o que explicaria a irônica nostalgia presente nas referências à história e à literatura lusitanas.

Aires deixa claro, na primeira entrada de seu diário, que a saudade não é algo que o aflige: «Certamente ainda me lembram coisas e pessoas de longe, diversões, paisagens, costumes, mas não morro de saudades por nada» (Assis, 1996: 17). Um pouco mais adiante, Aires usa a palavra *pero*, de origem portuguesa, para se referir à sua saúde: «Rita jantou comigo; disse-lhe que estou são como um *pero*, e com forças para ir às bodas de prata» (Assis, 1996: 21). Ainda mais significativa é a referência a Lisboa como o lugar do qual a viúva Fidélia havia transportado o corpo de seu falecido marido para enterrá-lo no Rio de Janeiro, em atitude oposta à de Aires, que havia enterrado a esposa em Viena: «Sorriu, e citou o exemplo da viúva Noronha que fez transportar o marido de Lisboa, onde faleceu, para o Rio de Janeiro, onde ela conta acabar» (Assis, 1996: 19). Lisboa é também a cidade onde estão os pais de Tristão, conforme carta do rapaz endereçada a Dona Carmo:

Ultimamente, já formado em Medicina, foi em viagem a várias terras, onde viu e estudou muito. Não podendo escrever as viagens, contar-lhes-á um dia, se cá vier. Pede notícias dela e do padrinho, pede-lhes os retratos, e manda-lhes pelo correio umas gravuras; assim também lembranças do pai e da mãe que estão em Lisboa. (Assis, 1996: 40)

Na entrada do dia 24 de maio, observa-se uma referência a D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666), escritor português do século XVII: «Aí fica um desconcerto acabando em desconsolo, — tudo para anotar pouco mais que nada. Posso dizer com D. Francisco Manuel: “Eu de meu natural sou miúdo e prolixo; o estar só e a melancolia, que de si é cuidadosa...”» (Assis, 1996:41). Aires usa esta referência de forma irônica, corroborando suas disposições de espírito em relação às lembranças acerca da batalha de Tuiuti, o que nos mostra a dependência do sujeito brasileiro em relação ao referencial lusitano. Na entrada de 4 de agosto, tem-se a informação de que Tristão era naturalizado português:

Uma hora depois, quando eu chegava à ponte, lá o achei. Imaginei que esperasse por mim, mas nem me cabia perguntar-lho, nem talvez a ele dizê-lo. A barca vinha perto, chegou, atracou, entramos. Na viagem de regresso tive uma notícia que não sabia: Tristão, alcunhado brasileiro em Lisboa, como outros da própria terra, que voltam daqui, é português naturalizado. (Assis, 1996:56)

Em outra conversa com o rapaz, Tristão admite que, apesar de sua naturalização portuguesa, não esqueceu a terra em que havia nascido, ao que Aires replica:

Eu fui ao diante dele, afirmando que a adoção de uma nacionalidade é ato político, e muita vez pode ser dever humano, que não faz perder o sentimento de origem, nem a memória do

berço [...]. A idade, a companhia dos pais, que lá vivem, a prática dos rapazes do curso médico, a mesma língua, os mesmos costumes, tudo explica bem a adoção da nova pátria. Acrescento-lhe a carreira política, a visão do poder, o clamor da fama, as primeiras provas de uma página da história, lidas já de longe por ele, e acho natural e fácil que Tristão trocasse uma terra por outra. (Assis, 1996: 59)

Neste trecho, é possível inferir que Tristão adotara a nova naturalização por questões de poder e interesse, e não por um sentimento genuíno de pertencimento à nação portuguesa. Portugal parecia, desta forma, continuar sendo o destino da jovem elite brasileira sedenta por poder, e o que justificava esta atitude era, entre outros fatores, a homogeneidade dos costumes entre Brasil e Portugal, sintetizada, por exemplo, no uso da mesma língua. Tal homogeneidade é mencionada por Machado de Assis no famoso ensaio «Instinto de nacionalidade», publicado em 1873 no periódico *O Novo Mundo*:

Não me parece, todavia, justa a censura aos nossos poetas coloniais, iscados daquele mal; nem igualmente justa a de não haverem trabalhado para a independência literária, quando a independência política jazia ainda no ventre do futuro, e mais que tudo a metrópole e a colônia criara a história a homogeneidade das tradições, dos costumes e da educação. (Assis, 2008: 1205)

Trocando em miúdos, Machado afirma não poder exigir identidade própria de uma li-

teratura cuja vida cultural permanecia atrelada à nação colonizadora, apontando para o descompasso existente entre independência política e autonomia literária. A leitura de *Memorial de Aires* traz evidências de que este descompasso ainda permanecia na cultura brasileira, ainda mais se considerarmos que o romance é, nada mais nada menos, do que o diário de um diplomata com vasta experiência no estrangeiro, a qual lhe daria o distanciamento crítico necessário para refletir sobre a permanência das relações culturais de dependência.

A tensão entre Brasil e Portugal mimetiza a oscilação entre novo e velho, tradição e modernidade que permeia todo o romance. Tal oscilação é visível no trecho em que Aires comenta sobre o vínculo de amizade existente entre Fidélia e Dona Carmo, esposa de Aguiar, que nunca havia tido filhos: «Toda filha moça é eterna para as mães envelhecidas. Mas ainda uma vez notei que pareciam antes irmãs, tal a arte de D. Carmo em se fazer moça com as moças» (Assis, 1996: 64). Não apenas Dona Carmo tem o poder de fazer-se parecer mais jovem, como também Fidélia, pelo seu estado de viuvez, fazia-se parecer mais velha. Aires é bem categórico quanto ao futuro da moça: «A carreira desta, apesar de viúva, é o casamento; está na idade de casar, e pode aparecer alguém que realmente a queira por esposa. Não falo de mim, Deus meu, que apenas tive veleidades sexagenárias [...].» (Assis, 1996: 64). O diplomata, inclusive, teme que a moça

se entregue em demasia em sua amizade por Dona Carmo, o que representaria um entrave para seu futuro:

mas entregue a Dona Carmo, amigas uma da outra, não dará pelo pretendente, e lá se vai embora um destino. Em vez de mãe de família, ficará viúva solitária, porque a amiga velha há de morrer, e a amiga moça acabará de morrer um dia, depois de muitos dias [...]. (Assis, 1996: 64)

As considerações do conselheiro sinalizam para a dependência, nutrida pela juventude da época, em relação aos mais velhos, ou, até mesmo, em relação à tradição representada pela herança cultural portuguesa. Vale retomar, neste sentido, a ideia de que Tristão havia se naturalizado português por interesse, e que Fidélia havia trazido seu marido de Portugal para ser enterrado no Brasil. A ida de ambos os personagens para o mesmo país no exterior, bem como a rapidez na consumação dos votos de matrimônio, aponta para a articulação de um possível conchavo por parte dos dois, pois já teriam, em tese, se conhecido antes do encontro no Rio de Janeiro. Aires percebe o interesse de Tristão por Fidélia no trecho a seguir:

A minha impressão é que ele anda ou começa a andar namorado da viúva. Outra impressão que também não escrevi é que a madrinha parece perceber o mesmo, e daí tira certo alvoroço. Quando lá for agora hei de abrir todas as velas à minha sagacidade, a ver se confirmo

ou desminto estas duas impressões. Pode ser engano, mas pode ser verdade. (Assis, 1996: 87)

Tudo indica que Dona Carmo está incomodada com a paixão entre os dois jovens, pois tem a moça como filha e não deseja perdê-la, ao passo que Fidélia tem para com a senhora um «toque de subordinação graciosa, que lhe dá totalmente um ar de filha» (Assis, 1996: 87). Na entrada do dia 1 de dezembro, Tristão confessa a Aires seu amor pela viúva:

Novidade não era, a confissão é que me espantou, e provavelmente ele leu esse efeito em mim [...]

— Não disse isto a ninguém, conselheiro, nem à madrinha nem ao padrinho. Se lho faço aqui é que não ousou fazê-lo àqueles dois, e não tenho terceira pessoa a quem o diga. Di-lo-ia à sua irmã, se me atrevesse a tanto; mas apesar do bom trato, não lhe acho franqueza igual à sua. Parece-lhe que o meu coração escolhe bem? (Assis, 1996: 89)

A princípio malograda por uma suposta indiferença de Fidélia, a paixão acaba por se concretizar na entrada no dia 29 de janeiro de 1889, quando Aires relata o noivado dos dois:

Os namorados estão declarados. A mão da viúva foi pedida naquele mesmo dia [...] foi pedida em Botafogo, na casa do tio, e em presença deste, concedida pela dona, com assentimento do desembargador, que aliás nada tinha que opor a dois corações que se amam. Mas tudo neste negócio devia sair assim, de

acordo com uns e outros, e todos consigo.  
(Assis, 1996: 97)

Percebe-se que Aires se refere ao noivado como «negócio», o que corrobora a ideia de que Tristão e Fidélia possuíam intenções calculistas em relação ao consórcio. Tais intenções se confirmam no trecho a seguir:

Não publicamos oficialmente o nosso casamento próximo, concluiu Tristão, porque eu escrevi a meus pais, e só nos casaremos depois que chegar a resposta. A resposta é sabida, e se pudesse ser contrária, nem por isso deixaríamos de casar-nos; não quero publicar já o acordo, é uma forma de respeito aos velhos. (Assis, 1996: 97)

O que parece «respeito aos velhos» assume dimensões estratégicas se considerarmos que os pais de Tristão moram em Portugal, e que o consentimento deles implicaria, pelo menos em tese, em uma mudança do casal para aquele país. A percepção crítica em relação a Portugal aparece no excerto a seguir:

Quando eu lia clássicos lembra-me que achei em João de Barros, certa reposta de um rei africano aos navegadores portugueses que o convidaram a dar-lhes ali um pedaço de terra para um pouso de amigos. Respondeu-lhes o rei que era melhor ficarem amigos de longe; amigos ao pé seriam como aquele penedo contíguo ao mar, que batia nele com violência.  
(Assis, 1996: 99)

A despeito da índole amistosa dos portugueses, a fala do rei africano sugere que o distanciamento entre os dois países seria desejável e, até mesmo, necessário. Vale observar que João de Barros é um dos mais prestigiados historiadores de Portugal, sendo que sua obra versa sobre o domínio lusitano no Oriente, domínio este que, em certa medida, se observava no Brasil após a Proclamação da República. A benção dos pais de Tristão vem logo após este trecho, juntamente com a divulgação do anúncio do casamento: «Está publicado o casamento de Tristão e Fidélia, não nos jornais, e antes fosse neles também; está só publicado entre as relações das duas famílias [...]» (Assis, 1996: 101). Ao visitar o cemitério por ocasião do enterro de um amigo, Aires acaba por visitar o túmulo do esposo de Fidélia, morto em Portugal:

Agora que a viúva está prestes a enterrá-lo de novo, pareceu-me interessante mirá-lo também, se é que não levara tal ou qual sabor em atribuir ao defunto o verso de Shelley que já pusera na minha boca, a respeito da mesma bela dama: *I can*, etc. Túmulo grave e bonito, bem conservado, com dois vasos de flores naturais, não ali plantadas, mas colhidas e trazidas naquela mesma manhã. Esta circunstância fez-me crer que as flores seriam da própria Fidélia, e um coveiro respondeu à minha pergunta: «São de uma senhora que as traz aí de vez em quando [...]». (Assis, 1996: 103)

O casamento da moça com Tristão representa, para além da segunda morte do primeiro es-

poso, o trânsito para Portugal, isto é, o trânsito para a tradição, para o colonizador, como que a ironizar o nome da personagem, que remete à fidelidade a terra onde nascera, uma fidelidade que, ao fim e ao cabo, não se observa. O anúncio do matrimônio é quase paralelo a doação da fazenda Santa-Pia para os escravos libertos, «que a receberão provavelmente com danças e lágrimas» (Assis, 1996: 109). Após o casamento e a partida dos recém-casados para Portugal, permanece apenas a saudade, expressa na última entrada do diário do Conselheiro Aires:

Ao fundo, à entrada do saguão, dei com os dois velhos sentados, olhando um para o outro. Aguiar estava encostado ao portal direito, com as mãos sobre os joelhos. D. Carmo, à direita, tinha os braços cruzados à cinta. Hesitei entre ir adiante ou desandar o caminho; continuei parado alguns segundos até que recuei pé ante pé. Ao transpor a porta para a rua, vi-lhes no rosto e na atitude uma expressão a que não acho nome certo ou claro; digo o que me pareceu. Queriam ser risonhos e mal se podiam consolar. Consolava-os a saudade de si mesmos. (Assis, 1996: 117)

### 3. Considerações finais

A leitura de *Memorial de Aires* revela, em sua totalidade, uma percepção crítica do trânsito Brasil-Portugal em um momento que, conforme já explicitado, observava-se a transição do Império para a República, bem como o acirramento das tensões com a nação colonizadora. Há, no subtexto do romance, a ideia de

que o casamento de Tristão e Fidélia não passa de um conchavo armado entre os dois jovens visando ascensão social, especialmente porque há indícios de que eles teriam se conhecido em Portugal e se reencontrado no Brasil. O conchavo teria sido viabilizado a partir da manipulação emocional do casal Aguiar, que nunca teve filhos e teria, portanto, acreditado na enenação armada pelos dois jovens.

A «saudade de si mesmos» aponta para a presença do simulacro lusitano na cultura e na sociedade brasileiras, tendo em vista que a palavra «saudade», conforme sabemos, existe apenas em português e reverbera na narrativa desde o seu início com as epígrafes do trovadorismo. Sobressai, ainda, a noção segundo a qual as relações entre as nações não deveriam ser muito próximas, pois «amigos ao pé seriam como aquele penedo contíguo ao mar, que batia nele com violência» (Assis, 1996: 99). A visão pouco elogiosa do colonizador português aparece, conforme analisamos, no conto «Ideias de canário», que veicula a extrema dependência do ornitólogo Macedo em relação ao pássaro que representa este colonizador.

*Memorial de Aires* nos traz, pelas lentes de um diplomata com vasta experiência internacional, as representações dos travejamentos que marcaram a vida brasileira em fins do século XIX, bem como os dilemas literários experimentados por uma nação ainda dependente do modelo português. O romance

mostra que a juventude ainda estava muito presa à tradição, representada tanto por Portugal quanto pelo casal Aguiar, e que ainda necessitava desta tradição para validar suas atitudes. Importante neste sentido é o telegrama enviado de Portugal pelos pais de Tristão abençoando o casamento dos jovens, como que a sacramentar o matrimônio em terras lusitanas.

Resta, ao fim de tudo, a saudade de si mesmo, a saudade de sua própria juventude, uma juventude perdida em meio à dependência das velhas estruturas que conformavam o Brasil em transição para a modernidade representada, pelo menos em tese, pela Abolição e pela República.

## Bibliografia

### *Impressa*

- ASSIS, M. (1996). *Memorial de Aires*. Núcleo. São Paulo;
- AUGUSTI, V. (2004). Polêmicas literárias e mercado editorial Brasil-Portugal na segunda metade do século XIX. Em: *Anais do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*.

Fundação Casa Rui Barbosa. Rio de Janeiro. pp. 1-7;

ASSIS, M. (2007). *50 contos de Machado de Assis*. Organização de John Gledson. Companhia das Letras. São Paulo;

ASSIS, M. (2008). *Obra completa*. Vols. 1 e 4. Nova Aguilar. Rio de Janeiro;

ASSIS, M. (2018). *Bons dias!/Good days! Chronicles by Machado de Assis*. Trad. de Ana Lessa-Schmidt e Greicy Pinto Bellin. New London Librarium. Hanover;

NEVES, L.B. e FERREIRA, T.B. (2003). Brasil e Portugal: Percepções e imagens ao longo do século XIX. Em: MARTINS, E.C.R. (org). *Relações internacionais: visões do Brasil e da América Latina*. IBRI. Brasília. pp. 107-132;

ROCHA, J.C.C. (2013). *Machado de Assis: Por uma poética da emulação*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro;

SANDMANN, M. (2004). *Aquém-além-mar: Presenças portuguesas em Machado de Assis*. Tese de Doutorado em Letras. Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária. UNICAMP. Campinas.

### *Digital*

FRANCHETTI, P. (2011). Machado e Camilo. *Anais do Congresso da ABRALIC*. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. Acedido em 12 de dezembro de 2011, em <http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0622-1.pdf>.